

A REVERSIBILIDADE DE FUNÇÃO: OS GÊNEROS DIGITAIS NO LIVRO DIDÁTICO*

Rita Rosielly da Silva Santos (UPE)

ritarosielly@hotmail.com

Sideane Soares de Almeida (UPE)

ssideane@yahoo.com

Introdução

Há um crescente avanço nas pesquisas referentes aos gêneros textuais. No Brasil, nota-se facilmente o uso destes no ensino de Língua Portuguesa e em pesquisas acadêmicas cada vez mais atualizadas. Tão amplas quanto esta quantidade de pesquisas e publicações são a quantidade dos gêneros e as transformações sofridas por eles ao longo do tempo. Mas desde a criação e nomeação dos gêneros (BEZERRA, 2007) até as mais recentes discussões acerca das relações de significado do suporte para com o gênero, persistem confusões entre as definições destes.

Outras discussões relacionadas, e ainda em aberto, surgem com estas pesquisas. A questão da reversibilidade de função, apontada por Marcuschi (2003), por exemplo, é muito importante, mas pouco aprofundada. É necessário observar e analisar o porquê de alguns gêneros poderem se fixar em vários suportes sem perder sua função, enquanto outros são específicos a apenas um suporte.

Embora os pesquisadores da área de Linguística não tenham chegado a um consenso a respeito dos suportes dos gêneros textuais, principalmente no tocante a questão dos gêneros digitais, consideramos nessa pesquisa o livro didático e a *Internet* como possíveis exemplos de suportes que podem oferecer uma nova funcionalidade aos gêneros. É notório que cada gênero destina-se a públicos leitores diferenciados. É o que acontece, por exemplo, com alguns gêneros mais antigos quando são modificados pelos usuários através do uso de novas tecnologias possibilitando o aparecimento de novos gêneros ou modificando os gêneros já existentes.

A importância de se pesquisar esses aspectos da relação gênero e suporte, assim como as atividades sócio-comunicativas que desempenha, torna-se cada vez mais notória à medida que se expande a necessidade de divulgação dos resultados desses estudos, tanto no meio educacional como no meio social, o que demonstra o reconhecimento do valor que há em compreender a diversidade dos gêneros e as suas transformações.

Este artigo tem como objetivo discutir o papel do suporte na relação com os gêneros. Em procedimento analítico-comparativo estuda-se a reversão de função por que passam, segundo Marcuschi (2003), os gêneros digitais ao serem transferidos do meio virtual para o meio impresso (neste caso, o livro didático). Especificamente, dentre os gêneros digitais veiculados nos livros didáticos de Língua Portuguesa, selecionamos os gêneros *e-mail* e *blog* como objeto de estudo. Investigando a reversibilidade de função desses gêneros digitais nos LDP's ressaltamos através da análise o modo como são trabalhados nas coleções pesquisadas e se esta característica causa danos à compreensão dos gêneros como atividades sócio-comunicativas.

O corpus é composto por livros didáticos do Ensino Fundamental II, do 6º ao 9º anos, sendo analisadas 04 coleções de livros de Língua Portuguesa. Tivemos como

* Este artigo originou-se do Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Letras (2011) da Universidade de Pernambuco, *Campus* Garanhuns, realizado pelas autoras sob a orientação do Prof. Dr. Benedito Gomes Bezerra.

foco principal o estudo dessa possibilidade de fixação dos gêneros em outros suportes, bem como as propostas de trabalho referentes aos gêneros que estão presentes nos livros didáticos, num recorte temporal que compreende coleções a partir do ano de 2006, marcando mais ou menos o início da inserção dos gêneros digitais, até o ano 2009.

Os dados foram relacionados e cruzados possibilitando esta investigação e ressaltando através da análise o modo como os gêneros digitais são trabalhados nas coleções pesquisadas. Estão examinados no decorrer desta pesquisa, aspectos da relação de interferência entre o gênero e o suporte referente aos Livros Didáticos de Português (LDP's), permitindo assim uma reflexão mais aprofundada sobre a influência do suporte no significado dos gêneros transferidos/transmutados do meio digital para os livros didáticos.

1. Gêneros, suportes e uma questão: a reversibilidade

1.2 Os gêneros como atividades sócio-comunicativas

As atividades humanas, em sua maioria, estão relacionadas ao uso da língua que se materializa através de textos, nos levando a crer na impossibilidade de se comunicar verbalmente a não ser por algum texto (MARCUSCHI, 2002, p.22). Naturalmente, cada situação comunicativa requer que os membros de determinada comunidade discursiva empreguem estratégias cognitivas adequadas aos seus propósitos comunicativos. Ou seja, cada situação comunicativa requer, por parte dos usuários, certo domínio dos gêneros para que venham a atingir seus objetivos enunciativos.

Mas, que são gêneros? De acordo com Marcuschi (2002, p. 22) “gêneros são textos materializados, que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características sócio-comunicativas definidas por conteúdos e propriedades funcionais, estilo e composição característica”. Os gêneros vêm passando por vários processos de transformação, isso porque eles são construções dinâmicas associadas às necessidades comunicativas das diversas comunidades linguísticas, que criam e recriam formas de expressões orais e escritas, dando aos gêneros um caráter inovador, em constante processo de mudança. Outro ponto bastante relevante para compreensão do gênero está relacionado à sua caracterização. Eles podem ser identificados a partir de suas especificidades (texto, contexto, uso) ou de suas generalizações (língua e cultura). O gênero será definido conforme os propósitos comunicativos dos participantes envolvidos no discurso.

A intenção comunicativa só será alcançada se todos os participantes compartilham não só o mesmo código linguístico, mas também o conhecimento do gênero, o que inclui conhecer sua construção, interpretação e uso. [...] há vários discursos que só são acessíveis para aqueles que detêm o conhecimento dos gêneros utilizados, bem como o seu funcionamento, não para aqueles que estão de fora. (BATHIA, 2009, p.185,187)

Os gêneros não são simplesmente formas textuais utilizadas pelos indivíduos sem nenhuma intenção comunicativa. Eles são construções sociais que envolvem os modos de pensar e agir de uma determinada comunidade linguística. Através do uso dos gêneros reconhecemos práticas sociais que nos permite entender e se fazer entender, visando atingir nossos objetivos linguísticos. Podemos perceber isso através das concepções de Bazerman (2009).

[...] a definição de gêneros como apenas um conjunto de traços textuais ignora o papel dos indivíduos no uso e na construção de sentidos. [...] Isto é, são fatos sociais sobre os tipos de atos de fala que as pessoas podem realizar e sobre os modos elas os realizam. Gêneros emergem nos processos sociais em que as pessoas tentam compreender umas às outras suficientemente bem para coordenar atividades e compartilhar significados com vistas a seus propósitos práticos. (BAZERMAN, 2009, p.31)

Com as inovações tecnológicas, como a *internet*, surgiram novos gêneros ou “protótipos de novas formas de comportamento linguístico” (MARCUSCHI, 2004, p. 13), produzidos e utilizados no ambiente *on-line*. São os, atualmente, chamados gêneros textuais digitais. Segundo Coscarelli (2002 apud VALE, 2008, p.263) esses gêneros apresentam recursos que reunidos influenciam diretamente na concepção dos novos gêneros *on-line*, são particularidades que os distinguem dos gêneros convencionais. O *blog*, o *e-mail*, o chat, a entrevista com convidado, a aula chat, a videoconferência, o fórum de discussão são exemplos de gêneros textuais digitais que apresentam diversos recursos possíveis apenas no ambiente virtual. Nesses tipos de gênero criam-se novas formas de organizar e administrar os relacionamentos interpessoais, atendendo as necessidades dos usuários assim como os gêneros textuais não digitais atendem as necessidades particulares a cada situação comunicativa.

1.2 O suporte e sua influência sobre o gênero

As contribuições da noção de suporte para a compreensão do gênero são evidentes, porém, somente os estudos mais recentes apontam este aspecto com veemência. A complexidade neste estudo torna-se ainda maior pelas possíveis semelhanças que há entre o suporte (fixador de gêneros), o serviço (permite a veiculação, circulação e consumo de um gênero em algum suporte), o canal e o meio (condutor de gêneros). Existem confusões até entre as definições de gêneros e suportes entre si, que não raras vezes fizeram com que estudiosos deste tema mudassem de ideia quando analisavam supostos gêneros como o *outdoor*, que hoje é tido como um suporte.

Com o intuito de minimizar esta confusão tomamos como base a definição de suporte dada por Marcuschi, para quem suporte é um “locus físico ou virtual com formato específico que serve de base ou ambiente de fixação do gênero materializado como texto.” (2008, p.174) A esta definição ele ainda acrescenta informações sobre os tipos de suportes existentes. São eles, os suportes convencionais e os suportes incidentais: os últimos operam ocasionalmente e com uma possibilidade ilimitada de realizações tais como árvores, túmulos, o próprio corpo humano e outros tantos que podem ser caracterizados como suportes. Por motivos singulares os dois tipos de suporte influenciam a função do gênero.

Para que possamos entender a relação entre gênero e suporte devemos levar em consideração algumas informações. Iniciemos, então, fazendo um recorte temporal em que poderemos observar, por exemplo, que na sociedade antes da invenção da escrita, quando a quantidade de gêneros existentes e respectivamente de seus suportes era pequena, talvez até contável, existia uma limitação dada pela falta de tecnologias que pudessem oferecer outros tipos de suportes. Com o surgimento da escrita de textos surgiram também os suportes textuais inicialmente tábuas de argila evoluindo para rolos de papiro e consecutivamente pergaminhos feitos de couro de animais sendo substituído pelo papel no final da idade média. Houve então um avanço pela possibilidade de utilização dos gêneros em larga escala mediante a criação da imprensa (antes tudo era

escrito à mão). Os suportes “[...] surgem emparelhados a necessidades e atividades sócio – culturais bem como na relação com inovações tecnológicas, o que é facilmente perceptível ao se considerar a quantidade de gêneros textuais hoje existentes em relação a sociedades anteriores a comunicação escrita” (MARCUSCHI, 2002, p.19). Por exemplo, a criação da imprensa, supracitada, está relacionada à criação dos livros impressos, jornais, revistas e tantos outros suportes textuais, favorecendo o surgimento de novos gêneros escritos e também a circulação dos mesmos.

Mais recentemente, a *internet* também está sendo considerada por alguns autores como um suporte que conduz gêneros dos mais diversos formatos e funções. A *internet* é um ambiente potencializador de linguagens virtuais, mundialmente utilizada para os mais diversos fins. Toda esta versatilidade, no entanto, não é um consenso no que diz respeito às vantagens de seu uso. De acordo com Marcuschi (2005, p.13), esses gêneros “sequer se consolidaram e eletrônicos já provocam polêmicas quanto à natureza e proporção de seu impacto na linguagem e na vida social”. E justifica tratando sobre a competição, em importância, dos ambientes virtuais, que são extremamente versáteis e as atividades comunicativas, ao lado do papel e do som.

1.3 A reversibilidade de função nos gêneros transpostos para os LDP’s

Alguns linguistas iniciaram recentemente um debate bastante interessante que visa responder até que ponto se dá a influência do suporte sobre o gênero. Este debate tem como ponto de partida a investigação dessa possível interferência. Ao realizar esta análise concluímos que realmente há uma interferência no que se refere à funcionalidade que o gênero de fato exerce se fixado neste ou naquele suporte.

Marcuschi (2003) trata esta característica chamando-a reversibilidade de funções, uma particularidade que aborda o suporte e sua capacidade de fixar alguns gêneros que migram para vários suportes. O que não significa dizer que qualquer gênero possa ser fixado em qualquer suporte. Existe um problema, ou melhor, uma questão relacionada à seletividade que já se encontra exemplificada em diversos trabalhos acadêmicos. Como podemos citar o exemplo do próprio Marcuschi ao falar sobre a seletividade do *outdoor*. “Não é qualquer gênero que aparece num *outdoor*, pois esse é um suporte para certos gêneros, preferencialmente na esfera discursiva comercial ou política [...]” (2008, p.176).

Uma peculiaridade bastante interessante sobre essa seletividade está relacionada à incorporação de gêneros textuais pelo Livro Didático de Língua Portuguesa. Ao transportar esses gêneros para o LDP, a forma e a função permanecem preservadas, pelo menos é o que deve acontecer para que de fato ocorra a reversibilidade de função e não a reversibilidade de forma que ocasionaria alguns problemas na compreensão dos gêneros textuais trabalhados nesse suporte. Essa característica de permanência do formato original não é conservada em outros suportes. Através do que o linguista supracitado expõe percebemos o porquê de o LD ser um exemplo claro do que ele denomina reversibilidade.

[...] particularmente o LD de língua portuguesa, é um suporte que contém muitos gêneros, pois a incorporação dos gêneros textuais pelo LD não muda esses gêneros em suas identidades, embora lhe dê outra funcionalidade, fato ao qual denominei reversibilidade de função. Falo aqui em funcionalidade e não função para que se tenha claro este aspecto. Por exemplo, uma carta, um poema, uma história em quadrinhos, uma receita culinária e um conto continuam sendo isso que representam originalmente e não mudam pelo fato de migrarem

para o interior de um LD. Não é o mesmo que se dá, por exemplo, no caso de um romance que incorpora cartas, poemas e anúncios, entre outros. [...] Tudo indica, pois, que o LD pode ser tratado como um suporte com características muito especiais. (MARCUSCHI, 2008, p.179).

A reversibilidade pode ser entendida como a mudança de função que o gênero sofre ao ser transferido para outro suporte (MARCUSCHI, 2003, p.15). Marcuschi, no tocante a peculiaridade do LD em manter a função do gênero transposto, cita como exemplo a propaganda que, fixada noutro suporte, não serve mais aos propósitos originais e agora opera como exemplo para produzir outros objetivos. O que, no entanto, não a faz deixar de ser uma propaganda. A reversibilidade não a torna um gênero diferente.

O livro didático como observado não é neutro à mudança de suporte por que passam os gêneros, assim como também o gênero ou os gêneros neles fixados não ficam indiferentes a ele.

2. Perspectivas educacionais sobre o uso dos gêneros digitais *blog* e *e-mail*

O contato com a diversidade textual permite ao educando ampliar suas possibilidades comunicativas de forma mais eficiente. Contudo, nas aulas de língua portuguesa, não basta simplesmente adotar o trabalho com textos. Estes precisam estar presentes, de alguma forma, no cotidiano dos alunos, ou ao menos ter alguma utilidade em suas vidas. Assim, conforme os PCN's de língua portuguesa “[...] cabe à escola promover a ampliação do conhecimento de forma que cada aluno se torne capaz de interpretar diferentes textos que circulem socialmente, de assumir a palavra como cidadão, de produzir textos eficazes nas mais variadas situações.” (1997, p.23) Estas capacidades serão adquiridas através do uso dos mais diversos gêneros, sejam eles orais ou escritos.

Algumas pesquisas, na área da linguística aplicada, já revelam as possibilidades didáticas dos gêneros *blog*, *e-mail*, *chat* entre outros. Podemos citar algumas mais recentes como as dos pesquisadores: Araújo-Junior (2008) que dedicou-se a analisar propostas de atividades com gêneros digitais em livros didáticos de espanhol como língua estrangeira, Teixeira (2010) que direcionou sua análise para a presença dos gêneros digitais nos livros didáticos do ensino fundamental II, Bezerra (2011) que objetivou em análise a apropriação pedagógica no livro didático de língua portuguesa levando em consideração o conceito de hipertexto, Bezerra & Lêdo (2011) analisaram propostas de atividades de compreensão reservadas ao estudo dos gêneros digitais, Oliveira & Silva (2011) trataram das possibilidades educativas dos gêneros digitais dando destaque aos *blogs*. Estes estudos expõem um número considerável de pesquisadores que já destacam esses gêneros como recursos para aprendizagem e revelam resultados satisfatórios.

3. A reversibilidade de função e o modo como o *blog* e o *e-mail* estão sendo transpostos para os LDP's

3.1 O *e-mail* e o *blog*: *internet* × livro didático

O *blog* e o *e-mail* são gêneros digitais originalmente encontrados na *internet*, inovação tecnológica que proporcionou o surgimento de uma variedade de novos

gêneros, que por pertencerem à esfera digital são denominados gêneros digitais, fenômenos históricos relativamente estáveis, atrelados às novas tecnologias da comunicação e pertencentes à esfera digital. Ao se interrogar a respeito da *internet* e sua possível definição como suporte, Marcuschi (2003) afirma que se trata de mais um caso limite, tratado como um serviço que tem características de suporte em alguns momentos, já que porta e veicula gêneros dos mais diversos formatos e funções aparentando ser um grande continente e neste caso estaria entre a categoria de biblioteca e livraria. Como pôde ser notado, sua categorização como suporte não é tão simples a julgar pela variedade de gêneros que suporta, assim como pelas funções que desempenha.

Aparentemente mais simples, mas também não unânime, a definição do livro didático como suporte é considerado pelo mesmo autor como nítida. Se aplicarmos as propriedades pelas quais são definidos os suportes ao livro didático compreenderemos isso também. Ressaltemos então sua maleabilidade, seu formato definido pela condição em que se apresenta e finalmente sua capacidade de comportar gêneros textuais.

Primeiramente o *e-mail* foi considerado como sinônimo de correio eletrônico. No entanto, as pesquisas mais recentes revelam características que o diferenciam do correio eletrônico, que notadamente, é um serviço e não um gênero. Como ressalta Marcuschi o *e-mail* é um gênero que pode ser aceito como correlato das cartas pessoais, e apesar de também funcionar como um serviço, no caso do envio de propagandas, cartas comerciais e etc. É considerado pela maioria dos linguistas como um gênero da área epistolar (ASSIS, 2002 apud MARCUSCHI, 2003 p. 33)

Ao utilizarmos o *e-mail* podemos perceber que características de alguns outros gêneros estão nele adicionados, por exemplo, a carta, o memorando, o bilhete, a conversa informal, as cartas comerciais e até mesmo o telegrama emprestam algumas propriedades conhecidas pelos usuários. Paiva (2004) apresenta um extenso histórico sobre a transmissão de mensagens desde o século 190 a. C. até chegar à correspondência eletrônica de fato trazendo considerações sobre as principais características do *e-mail* dentre as quais ressalta o assincronismo como principal.

Miller (2009) ao analisar o gênero *blog* o classifica como uma ação social e afirma: “o *blog* é uma nova oportunidade de retórica que se tornou possível graças à tecnologia, a qual vem se tornando mais acessível e fácil de usar, mas que também foi tão rápida e amplamente aceita que estar servindo a necessidades retóricas bem estabelecidas” (2009, p.62). A autora ainda aponta características formais que o definem como tal. Todos os *blogs* contêm datas que marcam a entrada de informações em cronologia inversa, formatos que apesar de diferentes seguem um tipo de padrão, e links de páginas afins, comunidades ou as próprias postagens. Ela traça uma árvore genealógica que descreve ramos compostos pelos ancestrais virtuais do gênero que tinham as características citadas anteriormente, e alguns gêneros textuais não originalmente virtuais que se encontram presentes nos ramos dessa árvore, dentre os quais podemos citar o panfleto, o jornalismo político, o editorial e a coluna de opinião.

A questão de o diário ser ou estar em alguns lugares sendo colocado como gênero semelhante ou principal antecessor do gênero *blog* é uma constante que implica outras questões como, por exemplo, se ele é público ou pessoal? E se alguém mais o lê além do próprio escritor? Questões em que não nos deteremos, mas que também servem como base para percebermos que o *blog* não desempenha função igual a do diário pessoal, pelo menos não só ela. Assim como o *e-mail*, o *blog* também pode desempenhar funções diversas. Existem *blogs* sobre os mais variados temas, e com a criação das redes sociais, os que funcionam de fato como diário pessoal estão sendo criados ou utilizados com menor frequência, abrindo espaço para publicações de textos

diversos, e até mesmo publicidade e prestação de serviços variados. Esta dinamicidade de funções é comum aos gêneros e serviços da *internet*.

3.2 Os gêneros *blog* e *e-mail* em livros didáticos de língua portuguesa no ensino fundamental II

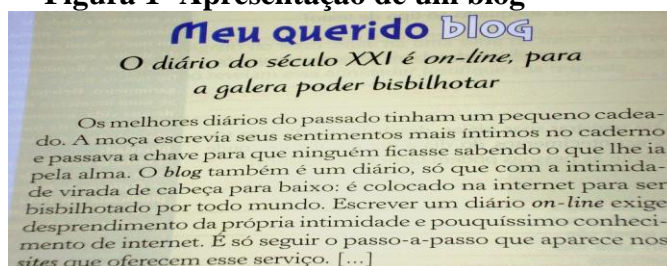
As coleções analisadas são utilizadas em escolas da rede pública de ensino e aprovadas pelo PNLD. São elas: *Novo diálogo* (BELTRÃO & GORDILHO, 2007), *Português: linguagens* (CEREJA & MAGALHÃES, 2006), *Ponto de encontro* (HAILER et al, 2009) e *Tudo é linguagem* (BORGATTO et al, 2007).

Das coleções mencionadas apenas a coleção *Tudo é linguagem* não utiliza os gêneros *blog* e *e-mail*, nem mesmo qualquer outro gênero que possa ser considerado digital. Apenas menciona a *internet* como meio de comunicação social por meio de textos informativos que até citam alguns gêneros digitais, mas que de fato não os abordam. Características e funcionalidades desses gêneros não fazem parte do conteúdo deste exemplar. As outras coleções, no entanto apresentam pelo menos um dos gêneros analisados, evidenciando uma percepção, ainda que tímida, da importância dessa inserção. As Coleções *Novo Diálogo* e *Português: Linguagens* apresentam os gêneros *blog* e *e-mail*, ambas no volume do sexto ano. Já a coleção *Ponto de encontro* apresenta apenas o *blog* no volume do sétimo ano. Sobre esta preferência dos autores em utilizar apenas o *blog* e o *e-mail*, Bezerra (2011) ressalta que muitas outras formas de interação virtual são deixadas de fora e que estas podem exercer um papel de destaque maior no cotidiano do aluno. Não é difícil notar que o uso de redes sociais tais como o *Orkut*, o *Twitter*, o *Facebook*, e outros tantos tem se tornado bastante frequente, para alguns até mais que o *e-mail* e *blog*. Mas, como nosso foco é a questão da reversibilidade sofrida pelos gêneros digitais acima citados, nos deteremos a nossa proposta de análise.

3.2 Características visuais dos gêneros digitais transpostos para os livros didáticos: A reversibilidade de função também pode afetar a forma?

A forma é uma característica bastante relevante e tem de ser observada ao analisar a transposição dos gêneros, de um modo geral, para os LDP's. Em qualquer gênero a forma em que ele está fixado em seu suporte original vai influenciar na função que exerce. Para Marcuschi (2003) a transposição do gênero para o livro didático trata-se de uma reversibilidade de função e não de uma reversibilidade de forma, já que esta fica intacta. Mas, isso não acontece em todos os casos de transposição. Percebemos na análise que a apresentação dos gêneros *blog* e *e-mail* em alguns LDP's se restringe a sua descrição em forma de texto.

Figura 1- Apresentação de um blog



Fonte: Novo Diálogo, 2007, p. 32

Na coleção *Novo diálogo* o gênero *blog* é apresentado como texto informativo, o autor deixa de enfatizar suas características originais, mostrando um exemplo que não

parece ser real e fugindo totalmente do modelo autêntico de um *blog* no ambiente virtual.

A coleção *Ponto de Encontro* viabiliza uma visualização do que seria a página de um *blog* com formatação similar a de uma página virtual real. Faz uma breve explanação sobre suas utilidades bem como informações adicionais sobre a *internet*. O que mostra a reversibilidade de função acontecendo sem danos à forma, facilitando a compreensão ao aproximá-lo da realidade concreta e usual.

Neste exemplo da coleção supracitada, o gênero é apresentado com todas as características formais possíveis de serem transpostas para o LD. Nele, as partes que o compõem podem ser notadas com facilidade: *links* para as publicações que estão organizadas em ordem cronológica inversa, *links* de notícias, enquetes, datas de eventos, e outras tantas informações contidas no *blog*. Este é um exemplo claro de *blog* que não possui a função de diário pessoal como muitos autores de livros didáticos o descrevem.

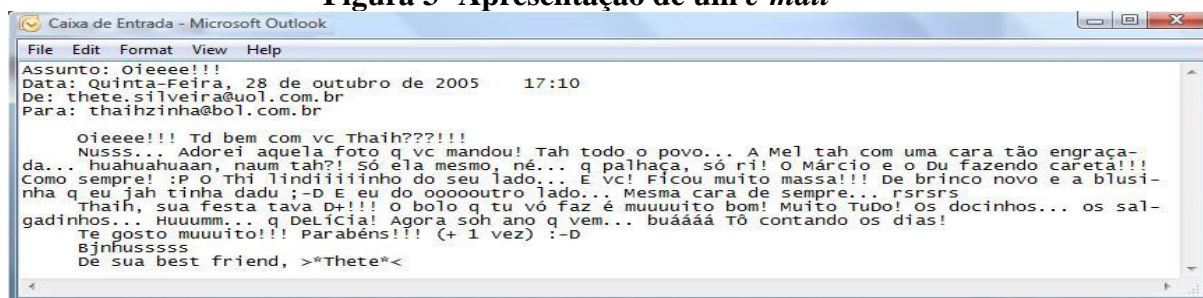
Figura 2- Apresentação de um blog



Fonte: Ponto de Encontro, 2009, p. 80.

Na coleção *Português: linguagens* pode-se dizer que o autor fez uma escolha correta ao transpor uma imagem que condiz com a realidade de um *e-mail* aparentemente real. Ele consegue mostrar um pouco do ambiente virtual original do gênero. Além de utilizar no texto do *e-mail* uma linguagem comumente encontrada nas redes sociais e outros tipos de comunicação virtual, o internetês. Antes mesmo de mostrar o *e-mail* como tal, é realizada uma explanação sobre a *internet* e seus serviços ressaltando o *e-mail* como possibilidade de comunicação rápida entre dois ou mais computadores.

Figura 3- Apresentação de um e-mail

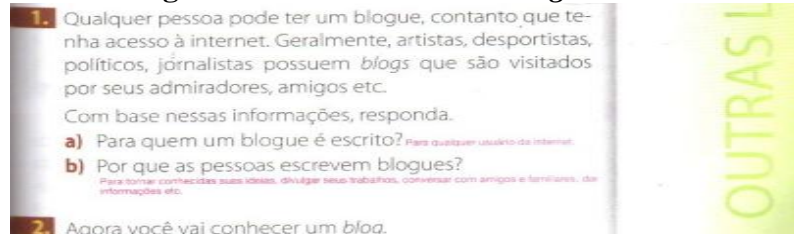


Fonte: Português: Linguagens, 2006, p.167.

3.4 Análises das propostas das atividades sobre *blog* e *e-mail*

Durante a análise realizamos o seguinte questionamento: Até que ponto a reversibilidade sofrida pelos gêneros digitais analisados influencia na compreensão e conhecimento das funções sócio-comunicativas? E percebemos que as atividades elaboradas para trabalho com os gêneros digitais, nas três coleções em que os gêneros digitais puderam ser encontrados, apresentaram propostas diferentes em relação ao trato dos gêneros abordados.

Figura 4-Atividade sobre o *blog*



Fonte: Ponto de Encontro, 2009, p. 81

Ao examinarmos as atividades propostas sobre *blog* na coleção *Ponto de encontro*, percebemos que elas exploram com propriedade a função do *blog*, a sua finalidade e as suas características formais. O livro apresenta uma questão em que “o formato de um *blog*” está em evidência, mostrando a cópia das informações da página inicial de um *blog* chamado *carnavalize*. Além de apresentar questões relativas à interpretação e compreensão do conteúdo do texto postado no *blog*. Um ponto que nos chamou bastante a atenção foi o fato do livro não apresentar nenhuma atividade direcionada a produção de um *blog* pelo aluno. Porém, no exemplar direcionado ao professor é exposta uma sugestão que leva em consideração a possibilidade ou não de acesso a *internet* por parte da escola, ressaltando que se houver esta possibilidade, os alunos sejam incentivados a esta produção.

Figura 5- Atividade sobre o *blog*



Fonte: Ponto de Encontro, 2009, p.82

A coleção *Português: linguagens* aprofunda o estudo do *e-mail* apresentando atividades direcionadas à interpretação e compreensão de informações explícitas num texto explicativo. Bezerra (2011) cita Bagno (2007) ao classificar a utilização do internetês como ponto negativo da inserção dos gêneros digitais que neste caso são utilizadas apenas como pretexto de uma suposta correção em que os discentes transformam esta variante numa escrita padrão. Em contrapartida as características peculiares ao gênero como o tipo de linguagem empregada, expressões utilizadas, a finalidade do uso de tal linguagem e principalmente, a função que o gênero exerce não deixam de ser tratadas. Na seção “agora é a sua vez”, é proposta ao aluno a produção do gênero, e para isso são dadas algumas instruções de como o aluno deve prosseguir, sugerindo que este avalie seu *e-mail* a partir das orientações expostas no boxe “avalie seu *e-mail*”.

Figura 2- Atividade sobre o *e-mail*

Emoções virtuais

A palavra **emojicons** vem do inglês *emotion icons* e significa “ícones de emoção”. Eles são criados com letras e sinais do teclado do computador e, quando digitados em uma certa ordem, parecem carinhas com diferentes expressões e significados. Eles são geralmente usados em *e-mails* e em bate-papos virtuais.

Para ler *emojicons*, é necessário inclinar um pouco a cabeça para a esquerda. Veja alguns:

:-(— triste	B-) — usar óculos	:* — beijo
>:(— raiva	:’(— chorar	:# — guardar segredo
:-(— piscada	8-O — assustado	% \ — confuso
:D — gargalhada	d-) — de boné	X- \ — chateado
@] — — uma rosa para você	:& — zangado	!:] — ouvir walkman

5. Observe a linguagem empregada no *e-mail* lido.

a) Que elementos (palavras, expressões) fogem à variedade padrão formal da língua?

b) Além dos *emojicons*, que outras palavras ou expressões revelam emoções?

c) Com que finalidade Thete repetiu vogais em palavras como **lindiiiiinho**, **muuuuito** e empregou letras maiúsculas em **DeLiCia**?
Para tentar reproduzir na escrita a entonação que ela dá em suas palavras se as pronunciar.

d) Levante hipóteses: O que justifica o uso desse tipo de linguagem no *e-mail* de Thete?
Depois de ler o e-mail, o aluno deve se reunir com os colegas e discutir as hipóteses levantadas, compartilhando suas conclusões.

6. Reúna-se com seus colegas de grupo e, juntos, conclua: Para que serve o *e-mail* e quais são suas características?

Este tipo de texto é usado para trocar mensagens pela internet, comunicando a alguém um assunto pessoal. Contém os seguintes elementos: assunto, data, endereço eletrônico do remetente e do destinatário, vocativo, saudação, conteúdo e assinatura. Pode fazer uso de abreviações e siglas, quando for dirigido a uma pessoa íntima. A linguagem varia de acordo com o perfil dos interlocutores e o grau de intimidade entre eles, podendo ser informal ou mais formal e, eventualmente, conter gírias.

Com as conclusões dos grupos, sugira-se montar na lousa um quadro com as características do e-mail.

Agora é a sua vez

Este texto contém dicas de alguns temas comuns em e-mails, como: assunto, data, endereço eletrônico do remetente e do destinatário, vocativo, saudação, conteúdo e assinatura. Pode fazer uso de abreviações e siglas, quando for dirigido a uma pessoa íntima. A linguagem varia de acordo com o perfil dos interlocutores e o grau de intimidade entre eles, podendo ser informal ou mais formal e, eventualmente, conter gírias.

Escreva um *e-mail*, comentando o assunto e convidando seu destinatário a dar uma resposta. Siga estas instruções:

a) Peça a seu professor o *e-mail* de seu correspondente.

b) Escolha um dos assuntos sugeridos a seguir ou pense em outro de sua preferência:

- convite para um evento na escola ou em outro local
- troca de informações sobre *games* e RPG
- troca de informações sobre um assunto que esteja pesquisando
- troca de comentários sobre livros ou revistas em quadrinhos
- indicação de filmes
- dicas sobre sites de pesquisa, jogos, etc.
- hobbies

c) Avalie seu *e-mail*, de acordo com as orientações do boxe *Avalie seu e-mail*.

d) Preencha os campos **assunto**, **data**, **de** e **para**, se necessário (alguns programas preenchem os campos **data** e **de** automaticamente). Depois envie seu *e-mail*, seguindo as orientações do professor, e aguarde a resposta.

e) Se gostar da experiência, continue trocando *e-mails* com o colega.

Avalie seu e-mail

Antes de enviar seu *e-mail* pela Internet, leia-o e observe se a mensagem está de acordo com o que você pretendia comunicar. O vocativo, uma despedida amigável e a assinatura são opcionais. Verifique se a linguagem está adequada ao interlocutor e ao grau de intimidade entre vocês. Finalmente, observe se o *e-mail* (endereço eletrônico) do destinatário está completo.

Fonte: *Português: Linguagens*, 2006, p. 161.

Conclusão

Considerando o uso social dos gêneros e suas vantagens quando direcionadas as práticas de ensino, podemos concluir que os gêneros textuais digitais começam timidamente a serem inseridos nos livros didáticos bem como em outras propostas alheias ao livro. Os gêneros que têm se destacado nesta inserção, por estarem mais presentes nos livros didáticos que já adotam gêneros digitais em seu conteúdo, são o *blog* e *e-mail*. Este uso é ou pode ser justificado pelo uso social de ambos, que são

utilizados com frequência por terem objetivos variados, possibilidades de interação, dinamicidade entre outras características proporcionadas no ambiente virtual.

No caso particular da reversibilidade sofrida pelos gêneros digitais ao serem transpostos dos *Ambientes Online* (COSCARRELLI, 2002 apud VALE, 2008) para os LDP's, especialmente os gêneros digitais, muitas vezes prejudica a compreensão, pois, alguns livros didáticos não representam o formato real desses gêneros, não apresentam em seu conteúdo características peculiares de cada um e muitas vezes os utilizam apenas como pretextos para correções da variação linguística, o *internetês* (BAGNO apud BEZERRA, 2011), tornando-a marginalizada, em outros casos se observa este uso apenas como pretexto para o estudo de aspectos gramaticais.

Quanto às implicações da reversibilidade sofrida pelos gêneros digitais nos LDP's analisados, em nossa pesquisa constatamos que os aspectos formais da apresentação dos gêneros foram, em apenas um caso direcionado ao *blog* e outro direcionado ao e-mail, aceitável ou adequada. Na coleção *Ponto de encontro* o gênero é apresentado com todas as características formais possíveis de ser transpostas para o LD e na coleção *Português: Linguagens*, apesar de mais simplória também dá conta de mostrar a forma do gênero. Com relação ao conteúdo direcionado ao estudo do gênero digital presente no livro, as coleções supracitadas apresentaram conteúdos que tratavam de fato das características formais assim como sobre o uso social dos gêneros *blog e e-mail*. Já as atividades propostas trazem os problemas citados anteriormente e apenas uma das coleções apresentou atividades que direcionavam suas questões aos gêneros, a coleção *Ponto de Encontro*, sendo a atividade da coleção *Português: Linguagens* a única que tem nos dois gêneros encontrados a proposta de produção de ambos.

Ao término desta pesquisa, desejamos contribuir para estudos posteriores que abordem o problema da reversibilidade de função, em especial a reversibilidade dos gêneros contidos nos livros didáticos de língua portuguesa, como objeto de pesquisa. Esperamos que a transposição analisada com o tempo passe a favorecer a compreensão do gênero digital, contribuindo com o processo de ensino/ aprendizagem.

Referências Bibliográficas

BAZERMANN, Charles. Atos de fala, gêneros textuais e sistemas de atividades: como os textos organizam atividades e pessoas. In: BAZERMANN, Charles. *Gêneros textuais, tipificação e interação*. São Paulo: Cortez, 2005. p. 19-46.

BHATIA, V. K. Análise de gêneros hoje. In: BEZERRA, B; BIASE, B; CAVALCANTE, M. M. (Orgs.) *Gêneros e sequências textuais*. Recife: Edupe, 2009. p. 159 – 196.

BEZERRA, B. G. Do manuscrito ao livro impresso investigando o suporte. In: CAVALCANTE, M. M. et al (Orgs.) *Texto e discurso sob múltiplos olhares*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. p. 9 -37.

_____. Gêneros introdutórios em livros acadêmicos. 2006. 243 f. Tese (Doutorado em Letras) – Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco. Recife. 2006.

_____. Hipertexto e gêneros digitais: apropriação pedagógica no livro didático de língua portuguesa. In: IV ENCONTRO NACIONAL SOBRE HIPERTEXTO E TECNOLOGIAS EDUCACIONAIS. *Anais...* Sorocaba/SP: UNISO, 2011. p. 1-17.

BRASIL, Ministério da Educação. Parâmetros curriculares nacionais – Ensino Fundamental– Língua Portuguesa. Brasília: SEF/MEC, 1998.

MARCUSCHI, L. A. A questão dos suportes dos gêneros textuais, DLCV: Língua, Linguística e Literatura, João Pessoa, v. 1, n. 1, p.9-40, out.2003.

_____. Gêneros textuais: Definição e funcionalidade. In: DIONISIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. p.19-36.

_____. Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. In: ACIRKARWOSKI;BEATRIZ GAYDECZKA; KARIM BRITO. (ORG.). GÊNEROS TEXTUAIS: REFLEXÃO E ENSINO. Palmas:Kaygangue, 2005. p. 17-34.

_____. Produção textual, análise de gêneros e compreensão. São Paulo: Parábola, 2008.

MILLER, Carolyn R. Gênero como ação social. In: MILLER, Carolyn R. *Estudos sobre gênero textual, agência e tecnologia*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2009. p. 21-44.

PAIVA, V.L.M.O. E- mail: um novo gênero textual. In: MARCUSCHI, L.A. & XAVIER, A.C. (Orgs.) Hipertextos e gêneros digitais. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004. p.68-90

VALE, R.P.G. Dos Manuscritos à Internet: A Evolução dos Almanques Farmacêuticos. *SIGNUM: Estud. Ling.*, Londrina, n. 11/1, p. 257-277, jul. 2008. Disponível em:<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/3095/2627>. Acesso em : 24 junho 2011.